

SOCIEDADES CAFEIRAS NA ECONOMIA ESCRAVISTA DE SAINT DOMINGUE, 1775-1797Juliana C. Zanezi¹, Rafael de Bivar Marquese²

1. Estudante da Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)
2. Professor Doutor da FFLCH-USP - Departamento de História/Orientador

Resumo

Esta investigação teve como propósito analisar a economia cafeeira escravista de Saint-Domingue, atual Haiti, por meio de um exame das sociedades empresariais firmadas entre pequenos investidores para a fundação e/ou exploração de fazendas de café, através de livros notariais de Saint Domingue. Verificamos alguns dos delineamentos dos padrões de investimento em montagem e reprodução da cafeicultura por meio do exame de contratos de sociedade firmados entre pequenos investidores do café no último quartel do século XVIII, essencialmente antes da Revolução do Haiti iniciada em 1791, bem como o amplo espectro de negócios relacionados. Para tanto, o *corpus* documental foi composto pelos contratos registrados em livros notariais correspondentes às paróquias da parte norte da ilha. Através da transcrição, leitura e análise destas volumosas e profícuas fontes, intentamos compreender o funcionamento intrincado da sociedade cafeeira e suas desventuras para obter investimentos e crédito.

Palavras-chave: café; escravidão moderna; caribe

Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP

Trabalho selecionado para a JNIC: Pró-Reitoria de Pesquisa a Universidade de São Paulo (USP)

Introdução

Dado seu peso para a escravidão em Saint Domingue pré-revolucionária, a cafeicultura é um assunto inegavelmente relevante para compreender as movimentações econômicas, políticas, sociais e culturais que ocorreram tanto nesta ilha quanto no quadro do sistema colonial francês e, por extensão, da economia-mundo capitalista europeia. Uma estimativa provisória que partiu das obras de Laurent Dubois, David Geggus e Phillip Morgan, apontou que cerca de 1/3 do total de escravizados desta colônia trabalhavam em fazendas de café, produzindo um montante que correspondia a cerca de metade da produção mundial do artigo. Surpreendentemente, é a cafeicultura escravista pré-revolucionária é tema pouco explorado pela historiografia. A presente investigação objetivou compreender o movimento geral da cafeicultura da antiga colônia francesa de Saint Domingue, atual Haiti, no último quartel do século XVIII nas principais paróquias cafeeiras das províncias do departamento norte da colônia. Por meio da observação verticalizada das movimentações na montagem, manutenção e renovação da produção cafeeira na ilha, pretendeu-se identificar as responsabilidades e porcentagens de cada parte envolvida, as principais cláusulas e condições para os processos, organizações e convenções sociais entre os agentes e, com isso, traçar perfis acerca da natureza dos investidores cafeeiros: grandes, médios ou pequenos proprietários; homens ou mulheres; negros ou brancos. Tal identificação permitiu também começar a compreender as intrincadas dinâmicas raciais vigentes naquela colônia, além de aspectos mais gerais da sociedade cafeeira de Saint Domingue. Além disso, intentou-se igualmente quantificar as informações essenciais potencialmente contidas nas transações registradas, como número de escravizados no tráfico interno, quantidade de pés de café, tamanho das propriedades, planta produtiva, preços relativos de cada uma dessas variáveis, serviços, despesas, entre outros.

Metodologia

A investigação foi realizada por meio da leitura, transcrição e análise de livros notariais de Saint-Domingue, mais especificamente as duplas minutas enviadas à administração colonial francesa. Tais documentos foram coligidos pelo orientador desta pesquisa nos *Archives Nationales d'Outre-Mer* (Aix-en-Provence, França). Naquela ocasião, foram consultados os livros notariais das principais paróquias cafeeiras do norte de Saint-Domingue, tal como identificadas no famoso relato do jurista martinicano Moreau de Saint Méry sobre o estado geral da colônia de 1789. O trabalho de arquivo efetuado selecionou aproximadamente quinhentas entradas notariais, como vendas (terra, escravizados, etc), contratos de casamentos, arrendamentos (terra ou escravizados), sociedades (que constituem o fio condutor da investigação), inventários, testamentos e tutelas, prestação de contas (sócio, tutor, beneficiário, etc), sendo todas relativas à presença, comércio, propriedade e investimento na atividade cafeeira de Saint Domingue. Constituem material volumoso e extenso, disponíveis para o estudo em forma de imagens digitais de alta qualidade.

O primeiro passo no estudo dos registros consistiu no seu exame paleográfico, haja vista que são manuscritos em língua francesa. Sendo assim, antes de foi necessário proceder à decodificação dos escritos, seus roteiros da escritura que seguem normas básicas da etiqueta notarial, abreviações utilizadas, palavras-chave típicas do tabelionato, termos específicos jurídicos e administrativos, etc. Além disso, o deciframento das mais diversas caligrafias, em diferentes condições de conservação do papel, tintas ou do livro como um todo é necessário

para os propósitos do projeto. A inventariação destes registros consistiu na identificação de conteúdo dos mesmos e catalogação por data de escritura, pessoas e agentes envolvidos, tipo de transação efetuada, condições e cláusulas mais pertinentes das mesmas, assinalando qualitativa e quantitativamente a propriedade, presença e descrição do aparato técnico respectivos, animais, construções e, certamente, os escravizados - quantidade, nomes, características, origens, valores etc. Toda a análise partiu do cruzamento de dados da própria fonte iluminados pela bibliografia especializada.

Importante salientar que a historiografia até agora não se debruçou sobre os livros mencionados: as informações contidas nestas fontes permanecem inéditas. Sendo assim, esta investigação também visou verificar igualmente o potencial analítico mais amplo destes livros para o estudo de Saint-Domingue.

Resultados e Discussão

Nosso olhar se verticalizou em registros notariais de quatro paróquias cafeeiras do Norte de Saint Domingue: Port Margot, Borgne, Plaisance e Dondon. Não obstante sua proximidade - ou mesmo contiguidade -, apontaram para diferentes cenários cafeeiros nos quais é possível até mesmo identificar os diferentes momentos do desenvolvimento da cultura do café na ilha. Port Margot era uma paróquia localizada próxima ao litoral noroeste da ilha apresentava parte de seu relevo em montanhas e parte em planícies, pouco entrecortada por cadeias montanhosas, ravinas ou formações semelhantes. As planícies desta paróquia foram amplamente utilizadas para construção de engenhos de açúcar desde princípios do século XVIII, sendo a principal fonte de riqueza da localidade. Logo, suas partes montanhosas acabavam por ser postas pelos tradicionais investidores açucareiros e mesmo pela administração francesa, afinal, eram inadequadas ao cultivo da cana-de-açúcar. Assim, não é por coincidência que observamos que as cifras encontradas para o preço de venda médio nesta região apresentou um valor relativo baixo para terra. No entanto, também é relevante a observação de que a grande maioria de propriedades de terra envolvidas nas transações trabalhadas possuíam ao menos metade de sua extensão em bosques madeireiros virgens. A abundância desta vegetação em Port Margot em finais de 1770 aponta que o esgotamento ambiental ainda não era uma realidade, portanto, um dos principais indicadores da relativa novidade do cultivo de café naquela região, além de justificar baixos valores para as terras. Somando a constituição geográfica, disposição econômica, disponibilidade e baixo valor relativo das terras, podemos compreender a tendência das propriedades desta região serem consideravelmente maiores que de algumas de suas vizinhas.

Em Borgne e Plaisance temos cenários parecidos, aumentando o valor da terra e diminuindo o tamanho médio por propriedade. Estas duas paróquias possuíam terreno cada vez mais montanhoso e acidentado, cortado por obstáculos naturais que impediram o estabelecimento do açúcar. Em ambas ainda temos abundância da mata. Todos estes fatores apontaram para um cenário cafeeiro um pouco mais consistente que em Port Margot com uma gradativa valorização da terra para o cultivo específico do café. Já em Dondon, temos o que simbolizou o estágio maduro típico do café de Saint Domingue: terras bastante valorizadas e a propriedades com tamanho consideravelmente menor. Nesta paróquia, o esgotamento ambiental é bastante assinalado.

Outro tópico importante a ser salientado é que, segundo dados apresentados por Saint-Méry, em todas as paróquias havia certa paridade proporcional de demografia em finais de 1780: cerca de uma pessoa de cor (sendo este um termo técnico, "*gens de couleur*") para cada três brancos e dez escravizados para cada pessoa livre. Tendo isso em vista, um dos principais tópicos a serem discutidos é a questão da forte racialização vigente na colônia que pesava sobre os agentes envolvidos nas transações, principalmente por esta investigação partir de hipóteses conflitantes de quais grupos eram os principais investidores cafeeiros de Saint Domingue. De um lado, temos as suposições apresentadas por Michel-Rolph Trouillot que afirmou a proeminência dos *gens de couleur*, ou seja, negros e mestiços livres, na cafeicultura da ilha de modo geral; De outro, os trabalhos de John Garrigus e Keith Manuel que afirmaram serem os brancos menos abastados os principais atores nas empreitadas de café, salientando as regiões sulistas de Saint-Domingue. A documentação notarial demonstrou-se profícua na identificação da presença ou ausência destes grupos nos negócios do café, já que apresentavam sólidas marcações discriminatórias para estas pessoas, sendo detectado que nas transações estudadas constou uma predominância clara dos agentes masculinos brancos nos negócios cafeeiros de todas as paróquias. Os negros e mestiços livres apareceram de maneira relativamente reduzida em todos os registros notariais e paróquias, configurando em média um sexto dos sujeitos envolvidos diretamente nas transações, com exceção de Borgne, fazendo coro com as interpretações de Garrigus e Manuel e contradizendo Trouillot.

Conclusões

Assim, podemos observar que havia um movimento de valorização das terras acompanhando a evolução dos pés de café nas regiões e consolidação da cafeicultura, paulatinamente encarecendo até as mesmas chegarem a se equiparar ao valor de terras próprias ao cultivo de açúcar como é o caso de Dondon. Em Port Margot e em Borgne o cultivo do café apareceu como relativa novidade mesmo em finais da década de 1770, num momento de certa cautela (e até desconfiança) por parte de alguns investidores. Em geral, seus negócios apresentaram um cenário de investimentos diversos na cultura do café, essencialmente para montagem de novas unidades produtoras e complemento de cafezais jovens, bem como a revigoração daqueles em más condições. Perante tal constatação, os proprietários destas paróquias optaram por passar para frente suas terras e escravizados - ou aliando-se a outros sujeitos com diferentes recursos. Mesmo a manutenção de fazendas em funcionamento provou-se desafiadora. Não parece ser coincidência, portanto, que Port Margot seja a paróquia com maior proporção de firma de sociedades e possuíram motivações bastante pragmáticas: A união de recursos parciais

para empreender no café, denotando uma proeminência de investidores pequenos e médios e, ainda, brancos. Em Plaisance o cenário é um pouco mais favorável ao café, com investidores mais confiantes nos retornos da empreitada cafeeira e, como neófitos com uma condição de vida um pouco melhor que seus vizinhos, associando-se à um bom conhecedor do cultivo para boa gestão do capital investido em imóveis. Nesta paróquia, temos maior abundância nas propriedades e investimento um pouco maiores que os das vizinhas Borgne e Port Margot, podendo ser chamada de um estágio intermediário da cafeicultura até o amadurecimento, representado por Dondon. Por fim, Dondon claramente nos indicou a longevidade das plantações e a presença vigorosa e valorizada deste cultivo, inclusive modificando como os agentes sociais interagem entre si ao fecharem negócio. O cenário é de estabilidade no café e no modo de vida que levavam por ali, tendo proporcionalmente pouquíssimas firmas de sociedades, das quais em sua maioria temos arranjos por conveniência social e nem tanto econômico. Assim, os desafios para investir e obter crédito parecem superados em sua maior parte.

Enfim, podemos considerar as Port Margot, Borgne e Plaisance como “fronteiras do café”, isto é, locais onde o cultivo do produto foi instalado efetivamente apenas a partir da década de 1760 aproveitando do *boom* cafeeiro nos mercados internacionais e, portanto, relativamente recente e instável neste período. Em contrapartida, Dondon nos apresenta o cenário cafeeiro maduro típico. Esta constatação de estágios da cafeicultura através das paróquias nos apresentou um importante movimento de expansão do café de Saint Domingue do interior para o exterior da região norte da ilha, partindo das montanhas e descendo até mesmo para planícies.

A exploração verticalizada deste tipo de fonte indicou suas inúmeras potencialidades para estudo da sociedade colonial de Saint Domingue nos mais diversos aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos e pretende-se dar continuidade à esta investigação, abrangendo cada vez mais regiões e aspectos da colônia.

Referências bibliográficas

BLACKBURN, Robin. A Construção do escravismo no Novo Mundo: do Barroco ao Moderno, 1492-1800. Rio de Janeiro: Record, 2003

BURNARD, Trevor; GARRIGUS, John. The Plantation Machine: Atlantic Capitalism in French Saint-Domingue and British Jamaica. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2016.

DEBIEN, Gabriel. Les esclaves aux Antilles françaises - XVIIe au XVIIIe. Basse-Terre: Sociétés d'Histoire de la Guadeloupe, 1974

DUBOIS, Laurent. Avengers of the New World: The Story of the Haitian Revolution. London: Harvard University Press, 2004.

GARRIGUS, John D. Redrawing the Colour line: gender and the social construction of race in pre-revolutionary Haiti. Journal of Caribbean History. Vol. 30, No. 1 and 2, pp. 29-50, 1996.

_____. Before Haiti: Race and Citizenship in the French Saint-Domingue. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

GEGGUS, David P. The Slaves of British - Occupied Saint Domingue: An Analysis of the Workforces of 197 Absentee Plantations, 1796-1797. Caribbean Studies. Vol. 18, No. 1/2, pp. 5-41, Apr. - Jul., 1978.

_____. Sugar and Coffee Cultivation in Saint-Domingue and the Shaping of the Slave Labor Force. In: BERLIN, Ira;

JAMES, Cyril Lionel Robert. Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2015.

MORGAN, Philip. (org.) Cultivation and Culture: Labor and the Shaping of the Slave Life in the Americas. Charlottesville: University Press of Virginia, 1993.

MANUEL, Keith Anthony. Slavery, Coffee, and Family in a Frontier Society: Jérémie and its Hinterland 1780-1789. Thesis of Master of Arts. Florida: University of Florida, 2005.

MINTZ, Sidney. Sweetness and Power: The Place of Sugar in Modern History. New York: Penguin Books, 1986.

PLUCHON, Pierre. Histoire de la colonisation française: le premier empire colonial, des origines à la restauration. Premier tome. Paris: Fayard, 1991.

RICO, Françoise. RIOUFOL, Jean. Le notariat français. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1979.

SAINT-MÉRY, Moreau. Description topographique, physique, civique, politique et historique de la partie française de L'Isle de Saint-Domingue - 2ª edição. Paris: L. Guérin, 1875, 2v.

TROUILLOT, Michel-Rolph. Motion in the system: coffee, color, and slavery in the eighteenth-century Saint-Domingue. Fernand Braudel Center. Vol. 5, No. 3, pp. 331-388, 1982.